

E. P. Thompson e o mutualismo: uma abordagem materialista sobre a Associação Tipográfica Baiana

Humberto Santos de Andrade
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: hsandrade76@gmail.com

Ana Elizabeth Santos Alves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: ana_alves183@hotmail.com

1816

Palavras-chave: Materialismo histórico. Mutualismo. Formação da classe trabalhadora

INTRODUÇÃO

No interior da tradição marxista, tendo como orientação metodológica o materialismo histórico, os trabalhos de E. P. Thompson têm sido a inspiração para muitas pesquisas sobre a história da classe trabalhadora. Sua preocupação com fenômenos que muitas vezes escapavam ao olhar da historiografia tradicional possibilitou o estudo de manifestações relacionadas ao mundo do trabalho, muitas vezes negligenciadas.

Objetos que, até a década de 1980, estiveram fora do escopo de investigação da maioria dos pesquisadores da área do trabalho e dos trabalhadores, como é o caso do mutualismo, nas últimas décadas têm se tornado alvo do interesse da pesquisa nas ciências humanas e sociais no Brasil, sobretudo nos últimos trinta anos.

Nesse contexto de reinterpretação da formação da classe trabalhadora, a historiografia passou a compreender as associações de socorro mútuo como elemento importante para o entendimento de como se desenvolveram as práticas associativas que estiveram relacionadas com a formação da classe trabalhadora brasileira. A ideia de que sociedades de socorros mútuos eram apenas uma etapa no desenvolvimento das formas de organização dos trabalhadores, constituindo-se apenas como uma forma de proto-sindicalismo, foi derrubada em favor da compreensão de que

Realização:



Apoio:



foram coetâneas ao sindicalismo. Sociedades de socorros mútuos e sindicatos conviveram, em muitos casos, no mesmo espaço e tempo.

METODOLOGIA

Desta maneira, dentro desse universo das sociedades de socorro mútuo que a nós é apresentado, chegamos ao objeto de estudo escolhido para investigação e construção da tese de doutorado: a Associação Tipográfica Baiana, a ATB, entidade que teve a sua existência entre os séculos XIX e XX, com sede na capital baiana e reunia os trabalhadores dos ramos das artes gráficas – mais precisamente, livreiros, tipógrafos e litógrafos.

1817

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ATB desempenhou importante papel na formação de uma identidade de classe, fosse no sentido clássico da perspectiva marxista, fosse no sentido da formação de elementos que caracterizaram um agrupamento social específico fundado na ocupação laboral daqueles indivíduos, inclusive criando ou reforçando uma cultura dos trabalhadores gráficos.

Deste modo, a nossa problemática está centrada em compreender como a Associação Tipográfica Baiana contribuiu para a construção de uma cultura associativa em Salvador e como isso cooperou para a formação da classe operária baiana. Dentre as questões levantadas, uma se destaca, que é qual o papel da relação trabalho-educação na formação desses trabalhadores enquanto classe.

Entre os pesquisadores do campo da história do trabalho tem havido a percepção de que a classe trabalhadora está em constante formação¹, é plural e heterogênea. Dessa forma, no interior da perspectiva marxista, precisamente no que tange ao materialismo histórico, os trabalhos de E. P. Thompson têm sido a inspiração para muitas pesquisas sobre a história do trabalho e, especificamente, do mutualismo no Brasil, sobretudo nos últimos vinte ou trinta anos.

Noções como “experiência”, “formação”, “fazer-se”, “economia moral”, “cultura”, têm sido usuais na historiografia atinente às questões da classe trabalhadora. Precisamente no que tange ao

¹ Cf. THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Realização:



Apoio:



mutualismo, Thompson concebe tal fenômeno como parte de “uma nova ordem moral” praticada pelos trabalhadores frente à “ordem competitiva” imposta pelas relações capitalistas. Os trabalhadores, ao invés de se adequarem à lógica de competição que se instaurava cada vez mais, optaram, com a criação e adesão às mutuais, por uma forma de vida estabelecida sobre o princípio da solidariedade.

Na nossa abordagem da classe trabalhadora e do mutualismo, tratamos o fenômeno sob a ótica e inspiração metodológica thompsoniana. O que queremos dizer com isso? Que estudar a classe trabalhadora pressupõe conceber os trabalhadores como sujeitos ativos da história. Não conceber as relações sociais apenas como fruto do sistema de andares do edifício social, ou seja, da estrutura e superestrutura.

Inspirar-se metodologicamente em Thompson é conceber a cultura em seu caráter dinâmico e em suas inter-relações com o econômico, o político e o social. É retirar a cultura da condição de mero reflexo da base econômica e que em nada auxilia no entendimento mais amplo e aprofundado das ações humanas. É partir da cultura como dimensão que, em muitos casos, condiciona as ações humanas muito mais que a economia.

Nesse sentido, a categoria “experiência” torna-se um instrumento primordial de compreensão do fenômeno de formação da classe operária. Sobre essa categoria central no seu pensamento, Thompson afirma o seguinte:

[...] caso isolemos uma dada evidência singular para um exame à parte, esta não fica obedientemente parada, como a mesa, para ser interrogada: ela se agita, entrementes, diante de nossos olhos. Essas agitações, esses eventos, caso estejam incluídos no “ser social”, com frequência parecem chocar-se com a, lançar-se sobre a, irromper contra a consciência social existente. Propõem novos problemas e, sobretudo, produzem continuamente *experiência* – uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, pois a abrange a resposta mental e emocional, de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos eventos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo do tipo de evento (THOMPSON, 2021, p. 28, grifo do autor).

Desse modo, nesta pesquisa tratamos o mutualismo como um fenômeno complexo e diversificado, comportando toda a dinâmica que a história oferece aos homens, aos acontecimentos e instituições. Optamos por historicizar o mutualismo e cada fase da Associação Tipográfica Baiana

Realização:



Apoio:



para não perdermos as peculiaridades de cada momento histórico, contribuindo assim para o melhor entendimento possível da trajetória dessa associação de trabalhadores.

As fontes utilizadas na nossa investigação são compostas por fragmentos do Diário Oficial do Estado da Bahia em que aparecem dados relativos à Associação Tipográfica Baiana, dois periódicos publicados pela associação: a) a Revista da Associação Tipográfica Bahiana; b) o Boletim Gráfico: órgão da Associação Tipográfica Bahiana e, por último, relatórios de exercícios anuais dos anos de 1905 a 1937.

Como fenômeno histórico, as sociedades mutualistas surgiram no Brasil principalmente no período compreendido entre o Segundo Reinado e o fim da Primeira República. Seu surgimento deu-se principalmente em virtude de mudanças na legislação brasileira pós Independência, que regiam a criação de associações de várias ordens. O marco dessa mudança nas normas que regulamentavam o exercício dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros foi a Constituição de 1824.

O artigo 179 da carta de 1824 tratava da “inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros” e tinha por “base a liberdade, a segurança individual e a propriedade”, enquanto no inciso XXV determinava que estavam “abolidas as Corporações de Ofícios, seus Juizes, Escrivães e Mestres”². Uma década depois de tal proibição surgiu uma nova experiência associativa no Brasil, materializada nas associações mutualistas, ou seja, entidades que, “mediante contribuições mensais asseguravam aos sócios serviços previdenciários como tratamento médico, auxílio a doentes, inválidos, velhos e viúvas”³

No caso inglês, as associações mutualistas não cumpriram apenas fins previdenciários. Sua atuação compreendia uma cultura, como diz Thompson, de reciprocidade. Essa cultura redundava em organizações do tipo da sociedade de aperfeiçoamento mútuo, “formal ou informal, que se reunia semanalmente com o propósito de adquirir conhecimento”⁴.

Thompson, ao estudar os efeitos das “inovações” tecnológicas na Inglaterra industrial e a consequente “exploração” das classes trabalhadoras, observa que aquele conjunto humano em que se torna, em parte, “classe operária”, e suas formas de organização política e industrial, descreve as

² Cf. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm.

³ LUCA, Tania Regina De. *O sonho do futuro assegurado*. São Paulo: Contexto; Brasília, DF: CNPq, 1990, p. 7.

⁴ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. III, p. 340.

Realização:



Apoio:



mutuais como uma dessas formas organizativas. As sociedades mutualistas aparecem ao lado de outras, tais como os sindicatos, como se vê a seguir:

Por volta de 1832, havia instituições da classe operária solidamente fundadas e autoconscientes – sindicatos, sociedades de auxílio mútuo, movimentos religiosos e educativos, organizações políticas, periódicos – além das tradições intelectuais, dos padrões comunitários e da estrutura da sensibilidade da classe operária (THOMPSON, 1987, V. 2, p. 17).

1820

CONCLUSÕES

Por fim, nessa perspectiva thompsoniana do materialismo histórico, o exercício aqui realizado foi no sentido de expor resumidamente um pouco da especificidade do mutualismo e sua abordagem enquanto objeto de pesquisa, precisamente no caso dos tipógrafos baianos, além de trazer à tona questões teóricas que permeiam a história da classe trabalhadora no seu processo de formação.

REFERÊNCIAS

- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria e outros ensaios**. - 1. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm. Acesso em: 23 de maio de 2024
- LUCA, Tania Regina De. **O sonho do futuro assegurado**. São Paulo: Contexto; Brasília, DF: CNPq, 1990.
- Revista da Associação Tipográfica Baiana**. Ano I, nº 10, abril de 1903, p. 165.

Realização:



Apoio:

